

TEIXEIRA, Manuel, 1912- : entrada em aberto para um homem que não morre

A. E. Maia do Amaral



Há quase dez anos que todo o mundo espera a notícia da morte do Padre Manuel Teixeira. E eu também. Devo dizer que por nenhuma razão, apenas para "fechar" a entrada no catálogo de Autoridades, ou talvez na esperança de assim me decidir a escrever sobre ele um texto curioso ou, então, pela pequenina vaidade de poder ilustra-lo com uma fotografia inédita...

Que ilusão! Então, não há-de haver dezenas de reportagens calculadamente na gaveta à espera dessa mesma morte? E, para mais, feitas por jornalistas muito mais preparados do que eu e prontas há muito mais tempo? E de alguém com o seu quê de vaidoso e de "poseur", quantos milhares de fotografias não haverá dele por esse mundo fora? O homem, afinal, é super-conhecido, foi quase um "tesouro nacional vivo" de Macau durante a administração portuguesa e está doente vai para dez anos. Só que não há forma de morrer. Obstinado como é, e agora que já não pode continuar a assombrar os corredores do velho Seminário de Macau (genuíno

receio de alguns serventes chineses), deve estar a apostar em tornar-se eterno no seu retiro de Freixo-de-Espada-à-Cinta.

Era só mais uma partida que nos pregava. Enquanto fôr vivo, será sempre incómodo porque vai continuar a dizer as coisas mais inconvenientes possíveis: Que o Salazar era um grande homem, que os “chinas” são uns ladroezitos, que “esses pândegos” do 25 de Abril passaram despercebidos em Macau.

Mas, o que faz viver o Padre Teixeira, pode ser também a sensação que todos partilhamos de que com ele morrerá uma memória da história portuguesa em Macau e no Oriente.

Converter-se em lenda parece ter sido sempre um projecto de vida para ele: Se não o conseguiu pela santidade (é tão difícil não beijar as meninas!) nem pelo rigor da sua investigação histórica (e até era fácil, com o que vai para aí de historiadores), havia de consegui-lo pelo mito: as barbas brancas, a batina com nódoas, o convívio dos livros velhos, a colagem aos jesuítas, as condecorações e o tratamento de "Monsenhor" são para isso mais do que suficientes.

A gestão inteligente que o Padre Teixeira fez do seu carisma, ao longo de uma vida inteira de Oriente, tem muito mais de chinês do que de português, parece mais de um monge budista do que do jesuíta que ele queria ter sido. Tornar-se, então, uma lenda será apenas justo, por esse labor da imagem, pelo que escreveu e pelo que calou mas, principalmente, pelas nossas próprias insuficiências.

Eis porque o mito do Padre Teixeira não pode deixar de crescer: Porque a nossa memória de Macau será sempre lacunar e enviesada (o que se trouxe veio por baixo da mesa, não se pode dizer), mais teremos de lamentar a morte do Padre Teixeira, quando ela, inevitavelmente, acontecer. Quanto menos nós todos soubermos, mais ele será suposto saber.

Monsenhor Manuel Teixeira está mesmo à mão para nos fazermos grandes na saída de Macau sem termos feito uma política cultural que nos dignificasse. Puxaremos à lágrima fácil e, não tendo construído memória de Macau nas bibliotecas, nos arquivos e nas Universidades, deixaremos a Monsenhor Teixeira o papel da grande memória viva do último pedaço do Império. Pena que memória volátil e perecível, mas até isso é português. E também é bem

português fazemo-nos grandes à custa do esforço dos outros: Quando ganhamos à Espanha com a “nossa” Expo, quando derrotamos todos os futebolistas com o “nosso” Figo, quando vingamos com o “nosso” Saramago a literatura portuguesa e até a lusofonia inteira. É ver como nos orgulhamos de uma Vieira da Silva e de uma Paula Rego, de um Jorge de Sena e de um Agostinho da Silva, de um Santo António e de um Padre António Vieira, que tão pouco tiveram de agradecer ao País. Fizeram-se a si próprios e no estrangeiro, um pouco como o “nosso” Padre Teixeira. E estamos tanto mais à vontade para nos orgulharmos deles porque estão quase todos mortos.

Assim, a melhor partida que o Padre Teixeira nos faz é ainda não ter morrido... e faz ele muito bem. Mas, quando morrer MESMO, talvez se faça, então, o grande pranto cultural português por Macau. Porque há um luto que ainda não foi feito e tem sempre de fazer-se...

Mas, porquê evocar o Padre Manuel Teixeira na revista da BAD?

Primeiro, porque ele é o terror de qualquer bibliotecário, é daqueles eruditos a quem os livros se agarram às mãos, se esgueiram para os bolsos da batina para só reaparecerem cem anos e três possuidores mais tarde. Depois, porque o Padre Teixeira é o único verdadeiro polígrafo do “Oriente português”: Qualquer bibliotecário de referência acerta 90% das vezes se disser “--Veja nas obras de Manuel Teixeira!” Ou porque seja o desespero dos bibliógrafos: Mais de cento e cinquenta livros e folhetos publicados, dois mil artigos de jornal e ele acha sempre que falta qualquer coisa na bibliografia; e traz o mesmo texto impresso pela terceira vez num sítio diferente como se fosse imperdoável omissão. Só para os desesperar, aposto que ainda há-de deixar um vasto espólio de inéditos.

Agora a sério, se este texto tem aqui lugar será pela necessidade de retomar uma faceta mais cultural e mais descontraída, ou menos “bibliotequeira”, dos Cadernos. É uma posição que sempre defendi no interior da BAD, até à custa de por ela ter de escrever este apontamento sobre um homem que não morre.

P.S. - E, já agora, não deixe de pregar-nos essa partida, Monsenhor.

Coimbra, 1999-2001